
LIVRO

DE

LEITURA

2



Livro de Leitura 2

Coordenação :

Betty Antunes de Oliveira

Autores :

Abílio Gonçalves de Miranda

Antonio Alves Monteiro

Antonio Trevisan

Benedito Gonçalves Ferreira

Conrado Vigário

Francisco de Souza Camargo Jr.

João Luiz Vicente

José Felisberto de Souza

José Nunes de Andrade

José Vieira dos Santos

Justina dos Santos Martins

Lázaro Ernesto

Nerival Elias dos Santos

Ormindo Rodrigues da Silva

Paulo Batista dos Santos

Pedro Vicente

Sérgio Wander Johansen

Valdemar Johansen Jr.

Colaboradores :

Célia Maria de F. Alvim

Francisco José C. Mazzeu

João Eduardo Ferreira

Léa Beatriz Teixeira Soares

Lucia Helena Menezes N. Nilson

Maria Lúcia Rabello

Newton Duarte

Suely Amaral Mello

Capa:

Paulo Antonio Nilson

Projeto de Alfabetização de Funcionários - PAF

Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade Federal de São Carlos

Via Washington Luiz, km 235

Caixa Postal 676 — 13.560

São Carlos - SP - Brasil

Fone (0162) 71-8111 - Ramal 183

**São Carlos
1983**

NOTAS EXPLICATIVAS AO LEITOR PESQUISADOR/EDUCADOR

Iniciar a divulgação do Livro de Leitura 2 agora, antes da divulgação do Livro de Leitura 1, decorre de algumas razões circunstanciais próprias do atual desenvolvimento das atividades de análise que o grupo de pesquisa (1) realiza.

A proposta do PAF (Projeto de Alfabetização de Funcionários) era aquela de, a partir da e na prática, possibilitar as condições básicas para que o alfabetizando fosse aprendendo a ser sujeito do seu processo de alfabetizar-se, bem como para que o alfabetizador fosse aprendendo a ser sujeito do seu processo de formar-se como educador "especialista + político" (Gramsci). O procedimento básico escolhido para essa prática foi o de fazer da elaboração do Livro de Leitura o próprio processo de alfabetização. Sendo assim, esse Livro de Leitura deveria, tanto na sua forma como no seu conteúdo, "traduzir" visivelmente tanto o processo como o produto da concretização da proposta. (No PAF, o Livro de Leitura 1 corresponde à primeira fase da alfabetização e o Livro de Leitura 2 à segunda fase).

O "aprender a partir da e na prática", porém, implica necessariamente tanto no ato de fazer essa prática quanto no de refletir sobre ela. Não é preciso insistir aqui que o "concretizar" a relação dinâmica entre esses dois polos também implica necessariamente no ato de assumir riscos e conseqüentemente avanços e recuos, erros e acertos, etc., que, ao serem analisados e re-analisados se tornam fonte de rica e profunda aprendizagem.

Durante toda a organização do Livro de Leitura 1 tentou-se efetivar isso. Depois de muitos reveses decidiu-se publicar a última versão elaborada, embora se sentisse que não se tinha ainda detectado o "o que", o "por que" e o "como" aquela versão não "traduzia" concretamente a proposta do PAF. Essa decisão surgiu da necessidade de se entregar aos ex-alfabetizandos o produto de seu trabalho como autores do Livro e participantes de uma experiência pedagógica. Enquanto isso se dava, o grupo de trabalho, apesar de toda ordem de percalços, conseguiu as condições mínimas para realizar uma parte imprescindível da proposta inicial: a análise rigorosa da experiência de alfabetização com os próprios ex-alfabetizandos. Com essa análise, começou-se a detectar o "o que", o "porque" e o "como" a versão publicada do Livro de Leitura 1 não tra

(1) Esse grupo (constituído de cinco ex-alfabetizandos do PAF - Projeto de Alfabetização de Funcionários - dois profissionais que participaram da fase de alfabetização do PAF e três graduandos que entraram no grupo após essa fase) está desenvolvendo atividades de pesquisa sobre metodologias de educação de adultos.

duz nem na sua forma, nem (até certo ponto) no seu conteúdo, o processo e o produto da proposta metodológica que se pretendeu assumir no PAF. Sendo assim, o Livro de Leitura 1 será distribuído logo seja terminada a análise que o grupo de trabalho está realizando sobre ele. Esse grupo compreende que a distribuição do Livro de Leitura 1 (com o texto da análise que se está fazendo dele) é uma forma de divulgar de modo concreto e explícito um processo de se aprender a partir da e na prática, assumindo, o mais criticamente que lhe é possível, seus acertos e erros. Isto é: delimitando esses acertos e erros de "per si", enquanto elementos constitutivos da prática em realização, e relacionando-os entre si em função dos objetivos propostos para, a partir daí, re-elaborar a prática.

O Livro de Leitura 2 (diferentemente do Livro de Leitura 1) mostra, de forma explícita, somente o produto da segunda fase da experiência (2), isto é, a última versão das frases e dos textos selecionados. Não mostra, portanto, todos os textos elaborados e nem todo o processo de como os alfabetizando os escreveram (a partir dos temas e respectivas palavras geradoras utilizados na primeira fase). Sendo assim, apesar de se ainda estar fazendo a análise de suas falhas e acertos, a distribuição do Livro de Leitura 2 não apresenta empecilhos à continuação do trabalho do grupo.

Naturalmente que o leitor que pretende analisá-lo de forma crítico-reflexiva o fará considerando-o dentro desses aspectos contextuais, sem o que essa análise estaria perdendo sua função de contribuir para o aperfeiçoamento do trabalho em realização.

Posteriormente será distribuído o texto relativo à análise que o grupo de trabalho está realizando sobre o Livro de Leitura 2, juntamente com o Livro de Leitura 1 (a versão publicada) e o texto da análise deste Livro.

As considerações que o leitor quiser enviar ao grupo sobre o presente Livro de Leitura 2, antes mesmo da aquela remessa mencionada, serão recebidas como contribuições valiosas e indispensáveis ao trabalho.

Betty Oliveira
São Carlos, 12.09.83

Caixa Postal 544
13560 São Carlos - SP
Tel. 721034 (noite)

(2) As razões disso podem ser deduzidas, de certo modo, da descrição feita sobre as etapas do processo de elaboração do Livro de Leitura 2, nas páginas de 1 a 4 deste volume.

APRESENTAÇÃO DO LIVRO DE LEITURA 2

A elaboração do Livro de Leitura 2 se constituiu num longo processo de aprendizagem não só para os alfabetizandos como para os membros do grupo que com eles trabalhou, no PAF (Projeto de Alfabetização de Funcionários da UFSCar, vide "O que foi o PAF: pequeno histórico" p. 05). Na verdade o Livro de Leitura 2 constituiu-se, como o Livro de Leitura 1, numa espécie de relatório do material (elaborado por alfabetizandos e alfabetizadores) considerado significativo em relação aos objetivos que se pretendia atingir, quais sejam: fazer o processo de alfabetização um momento de "ler" (compreender), de escrever e de ler (propriamente dito) a realidade em que se vive, a fim de participar dela como Sujeito. Em outras palavras: o alfabetizar no PAF pretendeu possibilitar ao trabalhador/alfabetizando o domínio, mesmo que mínimo, da técnica da escrita e da leitura, entendida essa como um dos instrumentos para compreender sua situação não como uma questão meramente individual, mas sobretudo de classe e como tal compreender a necessidade de buscar caminhos consciente e conseqüentes que possibilitem a superação dessa situação.

A primeira etapa desse processo foi realizada pelo sub-grupo "Livro de Leitura 2" nos meses de janeiro e fevereiro de 1981. Nesse sub-grupo os funcionários/alfabetizandos que tinham iniciado seu processo de alfabetizar-se na 1ª fase do PAF escreveram textos sobre os cinco temas básicos (correspondentes às vinte palavras geradoras utilizadas naquela 1ª fase): saúde, educação, trabalho, comunicação e organização. Os objetivos dessa primeira etapa foram: 1) elaborar

textos sobre as condições de vida do trabalhador através daqueles cinco temas para servir de material da pós-alfabetização prevista para os meses de março a junho/81; 2) refazer num nível mais complexo de dificuldade o processo de aprendizagem das vinte palavras geradoras e das outras delas decorrentes, realizado na primeira fase do PAF.

A segunda etapa do processo de elaboração do Livro de Leitura 2 foi realizada no final do mês de fevereiro/81 pelos membros do grupo de trabalho (GT) que coordenava o PAF. Essa etapa foi um primeiro momento de correção dos textos (elaborados pelos alfabetizandos) com os seguintes critérios: conservar a riqueza e a profundidade de comunicação implícitas no modo de expressar-se do trabalhador/alfabetizando e, também, modificar, retirar e/ou introduzir palavras e/ou expressões que não estivessem garantindo o significado que o autor/trabalhador queria comunicar. Com este procedimento pretendeu-se possibilitar-lhe a aquisição de um vocabulário que ainda não dominava, mas precisava dominar, tendo em vista os objetivos acima.

A terceira etapa do processo de elaboração do Livro de Leitura 2 se constituiu no próprio processo da pós-alfabetização, realizado nos meses de março a junho/81. Neste processo, aqueles textos corrigidos foram lidos e discutidos e, parcial ou totalmente reelaborados. Esse trabalho de reelaboração foi para os alfabetizandos um momento do aperfeiçoamento da sua aprendizagem da leitura e da escrita. Para os membros do GT do PAF, esse trabalho de reelaboração serviu, principalmente, como um momento de aprender a questionar, junto com os trabalhadores, com critérios intencionalizados, não só a própria correção como até mesmo a validade desses critérios visando garantir o significado original da comunicação escrita do autor/trabalhador.

A quarta etapa não estava prevista, mas se fez necessária por várias razões contextuais do momento histórico brasileiro e, de modo específico, do contexto ufscariano. Foi organizada, então, uma comissão de três trabalhadores e de um membro do GT que tinha trabalhado em todas as fases do PAF, e de modo específico no processo de elaboração do Livro de Leitura 2. Nessa etapa foram selecionados os textos que constituem o presente Livro.

Pretendia-se publicar o Livro de Leitura 2 com os mesmos serviços de diagramação do Livro de Leitura 1. No entanto, pelas inúmeras dificuldades técnico-burocráticas, inclusive aquelas referentes a verbas, pelas quais passou a publicação do Livro de Leitura 1 (a qual só se tornou possível neste ano), decidiu-se publicar o presente livro utilizando somente os serviços existentes, de secretaria e gráfica, na UFSCar. Espera-se, porém, publicá-lo posteriormente, seguindo o mesmo modelo de diagramação do primeiro livro.

Concluindo: o presente Livro de Leitura 2 se constitui na parte selecionada do produto do trabalho realizado por alfabetizandos e alfabetizadores no PAF. Não traduz, portanto, toda a riqueza do material produzido, mas (acredita-se) possibilita atingir os objetivos previstos, isto é, servir aos seus próprios autores e organizadores como material a ser utilizado na revisão e reflexão sobre o processo de aprendizagem pelo qual passaram: quanto aos alfabetizandos, o processo de alfabetizar-se e quanto aos alfabetizadores o processo de tornar-se alfabetizador. Esse Livro, pode também vir a ser utilizado por outros grupos que desenvolvem trabalhos de alfabetização de adultos, como material didático e/ou de pesquisa. Além disso, no caso de uma publicação em maior escala, o presente Livro pode vir a tornar-se instrumento de comunicação entre seus

autores/trabalhadores e muitos outros trabalhadores que certamente sentir-se-ão co-autores de tal obra ao ver seu cotidiano expresso aí com grande clareza e profundidade.

Betty Antunes de Oliveira
São Carlos, maio/83

O QUE FOI O PAF: PEQUENO HISTORICO

Ao constatar (junho/80) a existência de mais de 40 funcionários que não dominavam a técnica da leitura e escrita, um grupo de professores e alunos, que discutiam problemas da educação brasileira, resolveu assumir o desafio de elaborar e realizar um projeto de alfabetização entendida como ato de conhecimento e ato político, baseada nos princípios paulofreireanos: Projeto de Alfabetização de Funcionários da Universidade Federal de São Carlos (PAF). De meados de agosto a meados de outubro foram realizados estudos intensivos (teóricos e práticos) com o objetivo de iniciar a preparação dos alfabetizadores e levantar o universo vocabular dos alfabetizandos. O próprio processo de alfabetização seria, de um lado, o momento de alfabetização para os alfabetizandos, e, de outro, a continuação da preparação dos alfabetizadores vinculada a reuniões semanais de estudo e avaliação da prática. A 1ª fase da alfabetização propriamente dita se deu de 20.10 a 19.12.80. As 20 palavras geradoras selecionadas correspondiam a 5 temas, que por sua vez, estavam ligados ao fio condutor do curso: escrever e ler, de modo consciente e conseqüente a sua própria realidade. O objetivo específico primordial dessa fase era proporcionar: ao alfabetizando - as condições básicas necessárias para que ele (a partir das discussões feitas dos temas codificados pelas palavras geradoras) organizasse suas próprias idéias e as escrevesse. Com isso o alfabetizando ia escrevendo seu próprio Livro de Leitura e ao mesmo tempo se alfabetizando; ao alfabetizador - as condições concretas para a efetivação de sua formação como educador. Daí que esses momentos de

trabalho conjunto foram denominados de "encontros de trabalho".

De janeiro a fevereiro/81 foram realizados alguns sub-grupos de trabalho para elaborar o programa e o material da pós-alfabetização entre os quais os sub-grupos "Jornal", "Livro de Leitura 1" e "Livro de Leitura 2". No primeiro os alfabetizandos escreveram frases e pequenos textos para o Jornal que veio a ser denominado "Participando" (nº 1). No segundo foram iniciados os trabalhos de seleção e correção das frases e pequenos textos escritos na 1ª fase, sobre as 20 palavras geradoras, que constituíram o Livro de Leitura 1. No terceiro, os alfabetizandos escreveram textos sobre os 5 temas básicos, aos quais aquelas palavras correspondiam.

De março a junho realizou-se a pós-alfabetização com o material anteriormente preparado. Como os alfabetizandos explicaram que, para eles, "o lápis pesava mais que a enxada ou o martelo", foi desenvolvido um programa que atendesse aos aspectos psico-motores da alfabetização, concomitante com a alfabetização nas 2 fases. O "fazer contas" também foi solicitado e para tanto iniciou-se uma programação específica. O PAF contou com a assessoria de Paulo e Elza Freire a partir de dezembro/80, não só através de debates com os alfabetizandos mas também nas reuniões com os alfabetizados, sobre aspectos teóricos e práticos do PAF, inclusive sobre a organização e montagem do material elaborado pelos alfabetizandos.

Numa das últimas reuniões de avaliação, em junho/81, os alfabetizandos propuseram continuar as atividades. Sugeriram "aperfeiçoar a alfabetização de leitura em cima do aperfeiçoamento da alfabetização de consciência", estudando as Leis Trabalhistas. E assim surgiu o Seminário de Aperfeiçoamento dos Trabalhados

res (SAT), iniciado em agosto de 1981, e que continua até o presente momento, quando também estão sendo realizadas as atividades de ensino/aprendizagem de Matemática com uma metodologia surgida a partir de estudos e da própria prática nos "encontros de trabalho".

Betty Antunes de Oliveira
São Carlos, junho/81

LIVRO

DE

LEITURA

2

SÃO CARLOS

1983

INTRODUÇÃO

CONDIÇÕES DE VIDA DO TRABALHADOR

O trabalhador vive com dificuldade desde quando começa os primeiros dias de trabalho de sua vida. Não acha emprego e quando acha é muito distante. Gasta uma boa parte do ordenado em transporte. Sua moradia é sempre longe dos lugares onde existe emprego, e também muito simples e fraca. Vive com muita economia na alimentação tornando-se uma pessoa fraca, desanimada, com aparência de doente. Se vai ao médico ele ouve: "isso é porque vocês sã comem porcaria, comida estragada, e onde vocês moram é uma sujeira. Não tem água nem esgoto. Vocês precisam se virar com isso".

Quem é o culpado de tudo isso?

Eu acho que o trabalhador não teve condições para se organizar, se reunir com os outros, para exigir tudo aquilo que lhe falta. É que não deixaram ele aprender nada disso.

*(Francisco de Souza Camargo Júnior -
13/01/81 e 23/03/81)*

Sã nos organizando podemos mudar a situação para que saibam que nã temos inteligẽncia e sabemos quanto custa o suor do trabalho.

(Josẽ Nunes de Andrade - 26/01/81)

Toda pessoa que trabalha precisa ter um salário médio para viver, porque é dele que o trabalhador se mantém ao comprar os alimentos que lhe dão força e uma boa saúde, para vencer o trabalho que todos os dias ele enfrenta de manhã até o anoitecer. Então é preciso ter bom alimento, uma boa casa para morar, água boa e muitas coisas que fazem parte da saúde, que é uma das coisas mais importantes para todos nós. Para vencer o trabalho é preciso ter saúde. Mas se a saúde de alguns trabalhadores do Brasil está em situação regular, a da maioria está cada vez mais ameaçada pelo motivo de que todas as coisas estão ficando mais difíceis. Até mesmo os alimentos colhidos são tratados com muito inseticida.

(João Luiz Vicente - 22/01/81)

SOBRE A SAUDE

AS CONDIÇÕES DE MORADIA, DE SAÚDE E DE ALIMENTAÇÃO DO TRABALHADOR

Existem vários bairros na cidade que ainda não têm água encanada e rede de esgoto. Disso pode ocorrer um risco de perigo por causa das águas que ficam presas nos buracos no meio das ruas e os lixos que jogam em qualquer lugar.

(João Luiz Vicente - 11/12/80)

A higiene é uma coisa importante, mas no meu bairro não tem.

(José Vieira dos Santos - 22/05/81)

O pobre precisa de saúde para poder trabalhar, e ganhar dinheiro para poder comer e conservar a saúde. Mas ele trabalha muito para conseguir ganhar dinheiro. E o dinheiro que ele ganha é pouco.

Por isso ele trabalha muito na chuva e talvez à noite para conseguir um pouco mais. Mas não vale nada o dinheiro que ele ganha nas horas extras. Não dá para pagar a doença que ele pega. Por isso é bom trabalhar só de dia, ganhar bem e conservar a saúde.

(Sérgio Wander Johansen - 22/01/81)

O alimento nosso é fraco para o nosso trabalho.

Nós precisamos de alimentação melhor para termos mais força para trabalhar. Se fosse assim seria melhor.

(Abílio Gonçalves de Miranda - 14/01/81)

A panela do trabalhador
para mim é um fandango,
se vai ao açougue comprar carne,
sô compra asa de frango.

(Conrado Vigário - 14/01/81)

A alimentação farta
eu conheço pela televisão.
No prato do pobre não tem não.

(Lázaro Ernesto - 14/01/81)

SOBRE A EDUCAÇÃO

O PAF NA UFSCAR

O curso de alfabetização é coisa que beneficia todos nós. As pessoas que querem destruir este elevado benefício é porque já são dotadas deste benefício. Mas com a nossa boa vontade não iremos deixar que isto aconteça. Os nossos direitos nós queremos, porque precisamos. E as nossas obrigações cumprimos. É o nosso dever.

(Francisco de Souza Camargo Júnior - 10/11/80)

Eu era analfabeto porque não tive escola na minha infância. Eu nasci na fazenda e na idade de ir para a escola, eu ia trabalhar na roça. Agora eu estou feliz porque estou aprendendo a estudar. Graças a Deus nós conseguimos aprender a ler e a escrever porque as nossas professoras estão lutando junto com a gente. Minha família está contente porque eu estou aprendendo a ler.

(Benedito Gonçalves Ferreira - 14/01/81)

A EXPROPRIAÇÃO DO SABER DO TRABALHADOR

Os nossos livros de agronomia são escritos por agrônomos, mas cinquenta por cento é capturado das idéias dos lavradores. Existe alguns administradores embaralhados com o seu serviço. Procuram então um palpite com o trabalhador. Este dá a sua idéia. O administrador diz então: "não dá certo, deixe aí por enquanto". Mas um pouco depois ele chama outro e indica para fazer como foi indicado pelo trabalhador. E assim com sucesso fala: "eu fiz".

(Francisco de Souza Camargo Júnior - dez./80)

SOBRE O TRABALHO

O TRABALHO, O SALARIO E A INFLAÇÃO

O trabalhador trabalha para manter a si próprio e para sua família. Mas, a maior parte do seu trabalho fica para o patrão. O pouco que fica para nós, não dá para a alimentação.

Quem é o culpado? Eu ou o patrão?

(Abílio Gonçalves de Miranda - 11/02/81)

O trabalho é bom. Mas só tendo um bom emprego e um bom salário é que o trabalhador trabalha satisfeito, porque ele sabe que dá para viver e dar conforto para a família.

(Nerival Elias dos Santos - 11/02/81)

Se o presidente não tomar uma decisão com a inflação vai haver muitos problemas porque vai ter muita miséria, muito roubo, etc.

(Benedito Gonçalves Ferreira - 11/01/81)

O TRABALHO E O TRABALHADOR

Os grandes industriais são ricos e muitos deles também são fazendeiros, de sorte que eles são o dono de tudo, porque as fazendas são deles e as indústrias também.

Alguns trabalhadores s^o trabalham na fabricação das máquinas, e outros, trabalham com essas máquinas roçando, arando, plantando, colhendo, beneficiando, transportando, etc.

O que acontece, é que o produto de tudo isso fica com o patrão que é o dono de tudo e o trabalhador s^o fica com as migalhas que é, naturalmente, aquele ordenado que não dá nem para pagar o aluguel.

Quando os cereais produzidos por esse trabalho estão todos entulhados e bem protegidos, aí vem o preço que é aquilo que vai tirar as migalhas dadas em troca de todas as horas de trabalho do trabalhador.

E então? Quem trabalhou? Quem que ficou com tudo? E quem passou falta? Quem trabalhou com o maquinário? O industrial ou o trabalhador?

É claro que quem trabalhou fisicamente foi o homem. Ele fez a máquina, trabalhou com a máquina e produziu uma fortuna para o patrão.

Naturalmente esses dois trabalham em con
junto: o homem e a máquina. Mas o maquinário recebe to
dos os cuidados dos operadores e combustível com abun
dância, porque senão não mais funcionariam. O trabalhad
dor funciona com fome, doente, até com acidentes e com
consciência fora de si imaginando no pagamento muito
pouco que recebe em troca.

(Francisco de Souza Camargo Júnior - nov./80)

A ENXADA COMO INSTRUMENTO DE TRABALHO

A enxada é uma ferramenta de trabalho usa da pelo lavrador, pedreiro e muitos outros. Ela só faz um trabalho muito perfeito estando nas mãos de alguém que entende como tratá-la.

A enxada na fábrica é do patrão que a mandou fazer para ganhar dinheiro. Mas quem a fez não ganhou nada e intoxicou-se com a poluição.

Os industriais possuem a enxada para ganhar dinheiro, mas o trabalhador usa a mesma para se matar de trabalhar.

A enxada, corpo metálico, recebe todo o cuidado para não ser amassada e nem quebrada. Isso acontecendo será logo consertada. Mas onde estava ela? Estava na fábrica? Não, estava nas mãos do trabalhador que quando fica doente ou acidentado sempre encontra dificuldade para se tratar.

(Francisco de Souza Camargo Júnior - 01/12/80)

SOBRE A COMUNICAÇÃO

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Meios de comunicação, o que são?

São: televisão, rádio, jornal, cinema, telefone, livro, carta, etc.

(Antônio Alves Monteiro - 17/02/81)

O rádio e a televisão são meios de comunicação importantes para se saber notícias e ouvir mūsicas. Mas não se pode dar muita importância a tudo o que eles falam porque, às vezes, falam do que não tem importância e do que é importante não falam.

(Justina dos Santos Martins - 17/02/81)

A MÚSICA SERTANEJA E AS FESTAS CAIPIRAS

A música sertaneja é música legítima brasileira. Ela traz alegria e traz notícias para as diversas pessoas que ouvem rádio. Também fala das indústrias e do sertão. A música sertaneja mexe com a vida do trabalhador.

(Abílio Gonçalves de Miranda - 28/01/81)

O povo devia conservar as músicas de sanfona, viola e violão. As danças que eram tocadas com sanfona eram muito mais animadas do que as outras. Eu gosto de ouvir as músicas de viola porque são histórias verdadeiras e muito românticas. As festas caipiras também estão se acabando. Eram festas divertidas e muito mais populares.

(Justina dos Santos Martins - 04/02/81)

SOBRE A ORGANIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO POPULAR

O que é organização popular?

São os trabalhadores lutando unidos numa luta sincera, indo avante, todos juntos com os diretores nos sindicatos, nas associações e nos partidos políticos. Deve haver sempre reuniões para discutir os seus problemas.

(Antônio Alves Monteiro - 19/02/81)

A ASUFSCar é a nossa associação. Ela é que lutou para melhorar nosso salário. Antes não tínhamos aumento certo, agora temos. Nós precisamos fortalecer nossa associação.

(Nerival Elias dos Santos - 19/02/81)

Para organizar o que está errado há muito tempo, é preciso que os trabalhadores se reunam. A união faz a força. Para eles terem força precisam ser unidos. Há trabalhadores que têm muito medo do patrão e por isso eles passam necessidades.

(Sérgio Wander Johansen - 18/02/81)

É preciso muita união dos trabalhadores brasileiros para debater os planos do governo e dos patrões que levam à dispensa de operários que estão acabando com a paz e criando um clima de desespero. Querem que o povo trabalhe muito, mas ganhe pouco dinheiro.

(Conrado Vigário - 19/02/81)

O AUTOMÓVEL E O MOTORISTA DO POVO

Nós temos o costume de dizer que as crianças de hoje são os homens de amanhã e então eu digo que as crianças de hoje serão o braço forte de amanhã. Mas o que eu quero dizer, é, que o trabalhador vive trabalhando para sustentar os seus dependentes, sendo principalmente os filhos. Mas o seu salário não dá para dar tudo o que é necessário para garantir a sua vida como o braço forte do país futuro. Então, ali está o posto de saúde para dar vacinas e exames de laboratório, mas isso tudo não adianta nada porque a maioria das crianças vive mesmo é com falta de alimento e sô passam vontade de comer muitas coisas.

O automóvel é um corpo que se locomove por meio de um conjunto de peças que funcionam em harmonia. E quem sabe do que se compõe esse tal automóvel é o mecânico. E também algumas pessoas que gostam desse ramo são entendidas de algumas coisas do automóvel. E então sabemos que o automóvel é uma coisa um pouco confuzível^(*). Assim também sabemos que o automóvel é aquilo que já falei um pouco antes, o conjunto de peças que funcionam em harmonia, mas cada uma das peças

(*) sinônimo de "complexo", criado pelo autor.

tem um nome e também pode apresentar defeito. A função em harmonia e os defeitos que podem apresentar são observados pelo motorista. Quando o motorista é de primeira categoria o automóvel vai daqui para alí, etcétera, mas se o motorista não tem condições o automóvel vai para o buraco.

Em todos os países existe um grande número de trabalhadores e cada um desses trabalhadores representa uma peça com uma função, como a peça do automóvel.

Trabalhadores representando peças de um gigantesco automóvel, devem ser tratados com muito cuidado para que não haja defeito nas funções. O automóvel precisa de motorista, de peças, de oficina, de mecânico, de gasolina, de óleo, etc.? O país precisa de governo, de trabalhador, de posto de saúde, de médico, de medicamento, de alimentação, etc. O dirigente de um automóvel deve saber de tudo o que é preciso para o bom funcionamento, tais como gasolina, óleo, etc. E se todos os trabalhadores tem uma função em harmonia, então quer dizer que os trabalhadores também funcionam como o automóvel que também é dirigido por um motorista que deve também ser muito bem habilitado para que o gigantesco automóvel não vá para o buraco.

O patrão também tem o costume de falar que é trabalhador, companheiro de jornada, mas ele é o "companheiro" que quer o trabalhador para trabalhar.

A sua intenção é fazer com que o trabalhador seja sem
pre mais frágil para que ele seja sempre o patrão.

E quem é o motorista?

Quem é que dirige o país?

O que é peça de automóvel?

O que é trabalhador?

(Francisco de Souza Camargo Júnior - 09/06/81)